



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



EXPERIÊNCIA DO PIBID COM O TRABALHO SOBRE ÁFRICA: identidades africanas em Goiás – influências a serem pensadas e refletidas

Ana Paula Alves de Oliveira¹, Aparecida Maria Ferreira Cândido², Fabiana dos Santos Silva³, Idelma do Carmo Silva Ferreira⁴, Jeniffer Amaral de Oliveira⁵, Taynara Divina da Gama Fernandes⁶, Ordália Cristina Gonçalves de Araújo⁷.

¹Graduação em História e Bolsista do Pibid – Universidade Estadual de Goiás – Jussara – GO. E-mail: anapaula_alves123@hotmail.com, ²Graduação em História – Universidade Estadual de Goiás – Jussara – GO, ³Graduação em História – Universidade Estadual de Goiás – Jussara – GO, ⁴Docente do Colégio Estadual Dom Bosco e Professora Supervisora do Subprojeto de História do Pibid – UEG Jussara – GO, ⁵Graduação em História – Universidade Estadual de Goiás – Jussara – GO, ⁶Graduação em História – Universidade Estadual de Goiás – Jussara – GO, ⁷Docente da Universidade Estadual de Goiás – Jussara – GO, Coordenadora de área do Subprojeto de História do Pibid – Jussara.

INTRODUÇÃO

Durante algum tempo a história da África foi pouco discutida pelo sistema de ensino de nosso país, agora com a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, este ensino deverá ser ensinado em todos os anos de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Afinal existe em todos nós uma herança cultural africana, além da contribuição social destes povos para a formação da cultura brasileira por meio da culinária, religião, danças e etc. que foi deixada pelo processo de escravidão africana, através da diáspora ocorrida no período do Brasil colônia e império.

Levando em consideração esse aspecto é saliente demonstrar que o ensino sobre a história da África e dos afrodescendentes no Brasil é tão importante como estudar o processo de colonização pelos europeus, pois os africanos também fizeram parte desta colonização, porém os negros foram excluídos da historiografia da colonização, com a ajuda do eurocentrismo que colocava o europeu como pessoas de cultura civilizada e os negros e

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

indígenas como pessoas rústicas e sem civilização. Inferiorizar os negros não torna os brancos mais superiores, mas sim menos humanos. Assim devido a várias leis e artigos constitucionais sobre o ensino de história da África e dos afrodescendentes na educação brasileira, fica claro para todos, que não é só, um direito dos alunos a ter conhecimento sobre o assunto, mas também é uma obrigação do professor ensiná-la a seus alunos.

Dessa maneira foi-nos pedido pela direção da escola de atuação do PIBID, o Colégio Estadual Dom Bosco – Jussara GO, para trabalhar com os alunos a temática sobre a História da África, visando apresentar sua história e realidade e organizar uma feira cultural com aspectos relevantes da cultura africana. Levando em consideração esses pontos, foi pensado em grupo a necessidade de fazer uma introdução sobre o continente africano, objetivando romper com os estereótipos construído pela mídia, de um continente pobre, onde pessoas passam fome, são assoladas por varias doenças e epidemias. Nossa intenção é mostrar que a África é um continente de uma exuberante complexidade de culturas, deixando-nos boquiabertos. Além do mais é muito prazeroso ver que os alunos estão descobrindo coisas novas, contribuindo para quebrar paradigmas que por muito tempo fazem parte da construção social brasileira.

A história da África é muito importante para se entender o processo de construção cultural brasileiro, assim quando se pensou neste projeto, também foi pensado não à origem do povo negro no Brasil, mas a sua contribuição no processo de construção social. Dessa maneira para este trabalho foi proposto à aproximação dos alunos com as contribuições sociais em Goiás, uma tentativa dos alunos verem próximo a eles, locais de memória, sejam no Estado de Goiás e na cidade de Jussara e região. Essa discussão será levantada com os alunos ao longo do desenvolvimento da atuação do PIBID no colégio, até culminar na feira cultural, com a exposição por parte dos estudantes orientados sobre as identidades africanas em Goiás.

OBJETIVO(S)

- Identificar a relação entre África, Brasil e Goiás e a cultura produzida pelos afro-brasileiros na sociedade regional.
- Apresentar a história e a realidade da África, pouco conhecida e trabalhada nas escolas.



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



- Promover o conhecimento e a interpretação das práticas sociais e culturais relativas à questão étnico-racial.
- Dialogar e debater sobre a presença das culturas de matrizes africanas na cultura de Goiás.
- Desconstruir a imagem negativa do africano como povo bárbaro, primitivo e sem cultura.
- Afirmação da identidade étnica dos afro-brasileiros em Goiás.
- Proporcionar condições de apropriarem de novos saberes sobre a cultura Afro-Brasileira;
- Promover uma nova visão da História dos africanos, sua identidade, sua cultura e seus reflexos sobre a vida dos goianos em geral;
- Promover a autoestima e o relacionamento saudável e harmonioso entre as diversidades.
- Reconhecer a diversidade e a importância da convivência pacífica frente às diferenças, visando à construção de uma postura de tolerância e respeito ao outro.

METODOLOGIA

Trata-se de um projeto com abordagem sobre a África, as influências e repercussão no Estado de Goiás, projeto elaborado e discutido por alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) e orientadores. Com uso das seguintes metodologias: debates entre bolsistas, com apoio e estudo de artigos falando a respeito do tema, pesquisas de campo onde foram entrevistadas personalidades afro-brasileiras que residem na região com relatos e fotografias e livros didáticos. Além do trabalho com imagens, fotografias, filmes, discussões, oficinas, apontando locais de memória em Goiás de contribuição dos negros ao processo de construção cultural de Goiás e das identidades dos sujeitos que vivem nesta fronteira.

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

Embasados nessa obrigatoriedade foram realizadas diversas atividades com a escola campo onde os bolsistas do programa desenvolveram planos de aulas para aplicar o tema aos alunos. A princípio iniciaram-se os estudos da África com uma introdução sobre o continente africano com o tema: “Conhecendo a África”, apresentando aos alunos mapas com a divisão da África por regiões e foi proposto pesquisas sobre a diversidade do continente africano, além de atividades didáticas realizadas em sala.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que no processo de colonização do Brasil, foi necessário o uso da exploração da mão-de-obra do outro. Sendo que no princípio iniciou-se através da apropriação da força indígena, mas ao passo que as dificuldades foram crescendo em capturar o índio e o domá-lo, a mão-de-obra africana veio sendo a solução dos problemas dos colonos. Dessa forma ao longo dos quase quatrocentos anos de ferozes explorações da mão-de-obra escravagista negra, há o momento de redenção e livramento no ano de 1888. Não se pode apagar da história do processo de construção do Brasil as influências causadas pela diáspora dos africanos escravizados nas colônias americanas, nem tão pouco dos indígenas.

Prandi (2000) salienta que os africanos foram trazidos das mais diversas partes do continente africano abaixo do deserto do Saara. Não se tratava de um povo, mas de uma multiplicidade de etnias, nações, línguas, culturas. Levando em consideração esses dados, chega-se a conclusão de que a abolição da escravidão negra, hoje completando seus 126 anos, é ainda uma recente conquista do povo negro, que participou ativamente da construção da cultura historiográfica deste país. Contudo é digno de ressalva que a abolição foi um passo a liberdade, pois com a aprovação da Lei Áurea as transformações sociais destes sujeitos pouco mudaram em relação à condição de subalternidade. Com a lei os negros passaram a ter a noção de liberdade, mas as condições de sustentar esses ex-escravos no mercado de trabalho assalariado não satisfaz a demanda destes sujeitos.

Com essa mudança através da lei surge uma nova concepção do branco sobre o negro. Até então o negro era visto com inferior ao branco, mas agora com a condição de liberdade, o negro passou a ser encarado com outros olhares. A sociedade passou a encarar o negro a partir de uma visão preconceituosa e racista, o levando a excluí-lo. Na tentativa da sociedade perceber o ranço do velho sistema escravagista. Dessa maneira, as políticas públicas vêm na tentativa de combater os erros, através do reconhecimento e valorização da contribuição do afrodescendente para a construção cultural deste país.



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



As políticas de reparações são construídas na perspectiva de “ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista” (BRASIL, 2004, p.11). Essas pequenas conquistas só foram possíveis, através da própria, [...] experiências do Movimento Negro Unificado (MNU), a partir do fim da década de 1970- e seus desdobramentos com a política anti-racista, nas décadas de 1980 e 1990, com conquistas singulares nos espaços públicos e privados [...] (LOUZADA; SCARAMAL; ULHOA, 2008, p. 9).

A partir da luta dos movimentos negros ao longo dos anos fortalece a busca do reconhecimento da contribuição cultural do país, a qual os negros fizeram parte. Dessa maneira, reconhecer “implica justiça e iguais direitos sociais, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira” (BRASIL, 2004, p.11). Partindo dessa ideia a necessidade de inclusão dos afrodescendentes, parte de uma medida que busca o fim de uma série de desigualdades que foram sendo produzidas, ao longo dos anos. Mas para a isso acontecer é necessária a conscientização de ambos os lados da sociedade. Os que têm que se colocar como negros e para os que estão vendo essas ações acontecer.

Depois da reparação e do reconhecimento é necessário comentar a valorização deste povo para a contribuição social, econômica, cultural, política e social brasileira. É nesse ponto irá discutir e demonstrar a importância destas políticas afirmativas na contribuição da conscientização e dignidade do povo negro. Considerando a tentativa de reconhecer e valorizar a contribuição africana, por meio da diáspora para as minas em Goiás por volta do século XVIII.

Esses africanos, aqui chegando, trouxeram uma cultura e uma religião diferentes. Trouxeram hábitos e costumes, vícios e virtudes. Trouxeram também o sonho de um dia retornar à terra de origem, abraçando os seus ancestrais, bebendo da fonte de vida de seus mitos, de suas origens. Mas, se isto não era factível de realização, então que, pelo menos, se pudesse recriar o seu universo simbólico em terras estrangeiras e em condições subalternas (SOUZA, 2001, p.19).

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

O ciclo do ouro foi o grande carro forte para a propagação da escravidão no Brasil. Além do trabalho nos engenhos de açúcar o negro se viu como uma mercadoria de exploração do alicerce das minas de ouro. Com as descobertas das minas auríferas o tráfico negreiro teve sua elevação no mercado escravagista. Cada vez mais era necessário mãos-de-obra para a exploração das minas, onde o seu trabalho era sugado até a exaustão. De acordo com Souza (2001) o Estado de Goiás foi construído principalmente pelos povos africanos bantos¹. Devido à presença de elementos típicos da cultura banto em território goiano, como o ritual festivo da congada.

Com as minas auríferas, o processo de implantação de cidades e comunidades, não demorou muito a acontecer. Souza (2001) demonstra que os africanos ajudaram a construir a província de Goiás e o estado em si, através da economia, sua cultura, religião e prática social. Mas essa construção se solidificou sobre a perspectiva dos moldes dos brancos. A única forma de o negro sobreviver sobre esse paradigma é se ajustar aos padrões brancos. Sua função seria a de ser “considerados elemento servil, portadores de um único valor, o econômico, traduzido na mão-de-obra escrava para a manutenção econômica e social da província” (atual Cidade de Goiás) (SOUZA, 2001, p.40).

O negro em Goiás para se estruturar deveria viver de acordo com os padrões social dos brancos. Dessa forma o principal meio dos negros participar socialmente é por se envolver com as atividades religiosas promovidas pela Igreja Católica. Um dos meios encontrados pela igreja de catequização foi a criação de Irmandades ou Confrarias, originárias da Europa, se estendendo para África e posteriormente as Américas. A província de Goiás foi palco de implantação de várias Irmandades por membros negros, brancos e pardos (SOUZA,2001).“Adentrando nos arraiais, as capelas das irmandades de pretos sinalizam para outra forma de resistência, mais sutil, a partir da qual escravizados podiam se organizar, não só em torno do santo, mas na convivência em torno de objetivos comuns” (LOIOLA, 2006, p. 62)

No Centro-Oeste do Brasil também surgiram várias minas, e a província de Goiás se destacou na extração de ouro feita pelos negros africanos escravizados em terras goianas no século XVIII. Com eles, surgiram também as Irmandades do Santíssimo, Irmandades do Senhor dos Passos, Irmandades Nossa Senhora do Rosário, Irmandades Nossa Senhora da Boa Morte, Irmandades de São Benedito dos Crioulos e Irmandades de Santa

¹ “Os *bantos* constituíram o grupo africano trazido em maior quantidade ao país, visto que seu tráfico teve início em fins do século XVI, diminuindo a partir da década de 90 do século XVII, e apenas cessando durante o XIX. E assim sendo, o referido grupo foi o que mais significativa influência exerceu na composição da cultura brasileira” (LOUZADA, 2011, p.46).



**I CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**
14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



Efigênia. Neste contexto, inúmeras igrejas foram surgindo com a força do Catolicismo, os braços dos escravos e a exploração do precioso metal.

Ao passo que existiam as Irmandades dos negros em Goiás havia também as Irmandades dos brancos, tendo como objetivos a purificação da raça de acordo com Loiola (2006). Uma tentativa de excluir supostamente as pessoas que tinham o sangue infectado pela negritude. Mas os devotos não se restringiam apenas as Irmandades como afirma a autora, mais sim a uma por inscrição social, e não religiosa.

Ao longo dos anos a luta dos negros no Brasil tem sido da busca pelo livramento da escravidão camuflada que os cercam. É essa luta só se estrutura a partir dos movimentos negros que tentam de certa forma manter a suas identidades como princípio de construtor da história brasileira e o fazer parte da sociedade. Assim Souza (2001) afirma que as identidades parte do próprio reconhecimento social da diferença juntamente com o coletivo das identidades sociais que constroem a sociedade.

As identidades não são coisas dadas, mas construídas na ou com acultura. Assim a cultura detecta e confirma as diferenças entre nos e os outros, um processo distinto de construção social que se dão no tempo e espaço. “A cultura congrega tudo aquilo que se faz indispensável para a construção da dignidade e da vida humana, de modo que ela é de fato elemento sem o qual não se constrói identidade, nem religião, nem arte, nem ciência e nem a própria vida” (SOUZA, 2001, p 63). Conclui-se assim que identidade é tudo aquilo que o homem realiza individual, quer coletivamente.

A luta pela preservação cultural negra parte de um princípio de que sua sobrevivência dependia da sua capacidade de ser absolvido pela cultura branca. Levando em conta essa concepção Prandi (2000, p.59) demonstra que a “preservação daquilo que é africano requeria apagar ou disfarçar exatamente a origem e a marca negra, num processo de branqueamento que atingiu todas as áreas”. Mas os movimentos negros nas décadas de 1960 e 1970 vieram a ser encarados os estereótipos dos negros exótico, primitivo, diferente, a partir de uma nova perspectiva de maior participação social através da habituação, próximo e contemporâneo.

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

Essas novas discussões decorrentes dos movimentos internos e externo, foram motivados pela maior participação da minoria, através dos movimentos negros, que buscavam na sociedade o respeito e valorização pessoal e coletiva dos afrodescendentes. Por meio do revivimento da busca pelas suas origens e identidades. Pois ao passo que se busca a sua contribuição social você acaba lutando contra as forças negativas, que estão duelando pela extinção destes sujeitos.

É digno de nota que o negro foi obrigado a se incorporar em uma cultura nacional, europeia, branca e cristã, na tentativa de sobrevivência, mas a população africana escravizada buscava a sua preservação cultural. O sincretismo religioso foi o meio utilizado para manter-se na obrigatoriedade de ser brasileiro e católico, mesmo quando se é africano e cultua os orixás, voduns e inquices. “A reconstituição do passado que orienta a construção da identidade se faz assim a partir da cultura brasileira e não da verdadeira e perdida origem étnica, familiar e, em última instância, racial” (PRANDI, 2000, p. 64).

Por isso esse trabalho busca em seu percurso não a tentativa de reconstruir as origens dos povos negros no Brasil. Mas na busca dos resultados da contribuição africana para o processo de construção social. O PIBID- História atuando no Colégio Estadual Dom Bosco em Jussara- GO, nos turnos matutino e vespertinos, busca através dos estudos de África e do povo africano em Goiás entender as relações material e imaterial que encontramos presentes na sociedade, utilizando de relatos de experiências de pessoas que viveram próximo ao fim do período de escravidão e também sofreu escravidão. Além de pessoas que foram excluídas socialmente pela cor da pele. Além do trabalho com imagens, fotografias, filmes, discussões, oficinas, apontando locais de memória em Goiás de contribuição dos negros ao processo de construção cultural de Goiás e das identidades dos sujeitos que vivem nesta fronteira.

Ademais nossas discussões vão além das ações de incluir o negro na sociedade, pois precisamos fazer uma auto avaliação. Uma vez que as leis estão aí, dá história tem-se o conhecimento, basta questionar a participação crítica da falta deste conhecimento na educação, sociedade e em si próprio. E se perguntar, até quando agiremos desta forma?

Quando falamos de educação, logo pensamos na escola, muitos acreditam que para formar bons cidadãos temos que ingressar os sujeitos quanto antes na sala de aula, mas o que esquecemos é que para se ter uma boa educação a base fundamental da criança encontra-se no seio familiar. Base por quê? Utilizando-se de uma metáfora para explicar a questão do uso da palavra base, quando construímos uma casa para que ela seja resistente e firme para que possa resistir os obstáculos ao longo dos anos devemos fazer uma base resistente. Desta forma acontece com os sujeitos pensando em lhes oferecer uma educação de qualidade e que



I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014
Local: Câmpus – Pirenópolis



possamos formar cidadãos conscientes e pensadores críticos, devemos primeiramente formar uma base educativa de qualidade e esse papel é fundamental da colaboração dos pais, para que ao ingressar nas escolas eles possam ser auxiliados da melhor forma possível pelos professores, para ampliar sua educação iniciada em casa, mas nas escolas os pais ainda tem seu papel de colaborador dessa educação e não somente dos professores e sim uma parceria.

E nesta visão que falamos da “Educação das relações étnico-raciais”, que destaca a “reeducação das relações entre negros e brancos (BRASIL, 2004, p. 13)”. E que essa reeducação não é um movimento isolado, mas sim um trabalho coletivo, onde estão inseridas as políticas publicas que tem por objetivos garantir os direitos e deveres de todos perante a sociedade, principalmente dos afrodescendentes que pertence a esta sociedade e não inferior a ela.

Nas escolas que devem ensinar da melhor forma que a consciência histórica cultural africana faz parte de nossa história e não pode ser excluída e esquecida, dos professores que possam ser exigentes em relação ao conteúdo a ser trabalhados e que aceitem somente materiais que trabalhe a questão racial, e possam abolir material racista de sua sala de aula, da sociedade que tem grande papel na formação de valores. Partindo destes princípios que o PIBID vem trabalhando buscando resultados satisfatórios para a mudança na visão errônea sobre os negros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivendo no século XXI muitos ainda demonstram preconceitos em relação aos afrodescendentes, pois ainda vivemos enraizados nas culturas europeias almejando modernizar e introduzir em nossa sociedade suas culturas e costumes, mas infelizmente juntos dessa almejada civilização veem também os preconceitos pré-concebidos dos europeus. Mas podemos mudar esses conceitos de inferioridade e superioridade, buscando conhecer a história e seu processo histórico para que possamos refletir sobre nossas ações e atitudes em relação ao preconceito para que possamos viver em harmonia com o no próximo e deixar de lado a questão preconceituosa referente à cor, físico e social.

Pirenópolis – Goiás – Brasil

14 a 16 de outubro de 2014

Este trabalho ainda está em processo de construção e será finalizado no final do ano com a “Feira Cultural Mama África”, onde cada turma do colégio citado acima, irá pesquisar e expor sua pesquisa sobre um país do continente africano, a diversidade em sua cultura e sua história, evento este que está previsto para acontecer no dia 20 de novembro dia da consciência negra.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica.** 2004.

Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás. Versão Experimental. 2012.

PRANDI, Reginaldo. **De africanos a afro-brasileiros: etnia, identidade, religião.** Revista USP, São Paulo, n.46, p.52-65, junho/agosto 2000.

LOIOLA, Maria Lemke. **Trajatória atlântica, percursos para a liberdade: africanos e descendentes na capitania dos Guayazes. 2008. 143. Cultura, Fronteira e Identidade.** Universidade Federal de Goiás- UFG, Goiânia.

LOUZADA, Natália do Carmo. **Recriando África: Subalternidade e Identidade africana no Candomblé de Ketu.2011. 401. Culturas, fronteiras e identidades.** Universidade Estadual de Goiás – UFG, Goiânia.

LOUZADA, Natália do Carmo; SCARAMAL, Eliesse; ULHOA, Clarissa Adjuto. Educação para as relações étnico-raciais. In: SCARAMAL, Eliesse (Org.). **Para estudar história da África. (Projeto Abá: estudos africanos para de professores do Sistema básico de Ensino/ Coordenação Geral/ Projeto Abá: Léo Carrer Nogueira).** Anápolis: Núcleo de Seleção-UEG , 2008, p. 7-22.

SOUZA, Antônio Rocha de. **As Irmandades católicas dos negros na Cidade de Goiás no século XIX. 2001.123. Ciência da Religião.** Universidade Católica de Goiás, Goiânia.